

RUI RAIMUNDO/ASF

LUÍS ALVES MONTEIRO

➔ Olímpico em Los Angeles-1984 em pentatlo moderno, nos últimos meses o presidente da Associação dos Atletas Olímpicos de Portugal, de 61 anos, tem intensificado as ações em prol dos associados e multiplicado críticas ao corporativismo desportivo que diz existir no País mas garante não ser candidato a presidente do COP. A não ser que...

entrevista de
MIGUEL CANDEIAS

NÃO há outra maneira de se colocar a primeira questão a não ser de forma direta: do que se tem ouvido contar pelas conversas que atletas, ex-atletas e alguns dirigentes têm tido consigo, neste momento apresenta-se como possível candidato a presidente do Comité Olímpico de Portugal?

— Não, mas sem fugir à questão vou dar a minha opinião. Já me fizeram essa pergunta e a resposta é simples: não estou candidato a coisa nenhuma. Estou candidato a fazer um trabalho da Associação dos Atletas Olímpicos de Portugal, que não acaba em quatro anos, para dar voz e capacidade interventiva aos atletas. Isto não se faz em quatro anos porque, para além de colocar os atletas no palco, com os seus direitos e deveres, há também uma questão fundamental que é a sustentabilidade económica da associação. Estou muito focado no que tenho feito e com uma paixão enorme.

— E em relação ao COP?

— Em relação ao COP a resposta é, se me perguntarem se tenho capacidade para estar à frente do Comité: completamente. Não tenho problemas nenhuns em afirmá-lo. Acho que sou bom naquilo que faço. Agora, o facto das pessoas falarem é bom sinal, significa que estamos a fazer bom trabalho. Mas a resposta é não. Também posso dizer que qualquer atleta olímpico deve ter essa aspiração. Não são todos que serão capazes, também há uma questão de mérito, mas qualquer um deve ter a aspiração de estar à frente do Comité Olímpico porque é um lugar natural para os atletas olímpicos. No entanto, sendo eu atleta olímpico e de alta competição, também digo que nunca estou satisfeito com a marca que estou a fazer. Quero

Líder da AAOP garante não querer alimentar polémicas mas não esconde que a relação da associação com o COP não é tão profunda como desejaria e que a sua voz é independente, tornando-se incomodativa para muita gente



«Tenho capacidade para ser presidente do Comité Olímpico»

sempre melhor. Essa é a natureza competitiva de um atleta.

— Então junta-se aos outros quatro possíveis candidatos ao COP que se tem comentado, sem referir os seus nomes por nenhum o ter afirmado publicamente, nem em conversas. Mas pergunta-se: uma vez que ainda faltam dois anos para as eleições e o organismo mexe com muito da preparação olímpica imediata e futura dos atletas, juntando-se às federações, o que o tem feito nestes últimos meses ser tão interventivo em declarações e intervenções?

— Mas não tomei qualquer decisão. Está a colocar as palavras na minha boca... [risos]

— Porque já conversámos antes...

— Não, não, não... Vou reafirmar: é muito claro que não sou candidato ao COP. Mas sei o que as pessoas falam. Aliás, se fosse candidato teria alguém que me propor, pois não o farei para essa posição só porque sim...

— Então impõe-se uma outra pergunta: tem noção que, ao contrário da maioria dos países ocidentais, os presidentes do Comité Olímpico em Portugal não têm sido

antigos atletas olímpicos, nem sequer internacionais e que têm vindo de dentro do COP ou após uma carreira realizada em instituições governamentais, institucionais ou não de desporto?

— Exatamente! Esse é o paradigma que queremos quebrar. O paradigma do atleta que só sabe fazer desporto, o que não é verdade. Os atletas para alcançarem as marcas que atingem têm de ser inteligentes. Agora, deem-lhes as condições no pós-carreira para trabalhar as *soft skills* e poderem aspirar a outro tipo de trabalho que implica que possam utilizar todas as características positivas que um atleta de alta competição tem para poder integrar-se no meio empresarial. E quando digo no meio empresarial faço-o porque com certeza existem atletas que têm capacidade para assumir essa posição

“Somos um país pequeno, sem querer generalizar, de muitas invejas, conhecimentos e quintas

natural, como estar à frente do Comité Olímpico. Qual não gostaria? Mas, mais uma vez, com isto não estou a dizer que sou candidato. O que acho é que nós, AAOP, não eu, mas a associação, a minha direção, estamos a realizar coisas tão importantes que ainda não haviam sido feitas, com seja, dar rosto e capacidade interventiva aos atletas.

Mas o exemplo que deu dos presidentes do COP é outro paradigma que temos de quebrar. Na via natural dos atletas no pós-carreira, coisa a que temos de dar uma atenção enorme, até pelas recentes polémicas que tem havido entre atletas - casos típicos de pós-carreira -, temos de lhes dar a hipótese de aspirar ao dirigismo desportivo. Se lhe contar que, atualmente, no COP há dois atletas olímpicos, anteriormente havia apenas um, assim como nas federações existem muito poucos antigos atletas no dirigismo. Também não posso dizer que 100 por cento deles poderão desempenhar essas funções. Há uma via natural e aquelas que têm mérito e capacidade deveriam lá estar. A situação que se verifica nos dias de hoje é que não se pode passar. É uma verdadeira miséria o número de antigos atletas em cargos de dirigentes.

— Nas federações, que elegem o presidente e a direção do COP, também não se veem esses antigos internacionais. Existe um afastamento dos próprios atletas em relação ao dirigismo?

— Sim, há culpa também dos atletas, que não se assumem. A AAOP finalmente está a conseguir pegar nisso, pois uma coisa é dizer aos atletas para se juntarem à associação, outra é envolvê-los. Assim percebem qual é a força de estarmos juntos e termos capacidade interventiva. E, de facto, já entendem que têm de ter uma voz. Se lhe contar que a Lei de Bases do Desporto prevê que exista um representante de atletas nas federações reunidos de uma forma associativa e praticamente tal não acontece, isso é um espelho do País.

— Nas várias competições em que tem aparecido temo-lo visto em conversa com atletas sobre estes temas. O que é que pensa que tem de mudar no dirigismo?

— Somos um país que tradicionalmente funciona por quintas e é corporativo. Existe o corporativismo dos médicos, dos advogados... e também temos o corporativismo do dirigismo desportivo. E este fecha-se em si. Para sermos melhores, por-

que o desporto não resolveu os seus problemas até hoje, não é agora que o irmão fazer. Nomeadamente a violência ou falta de cultura desportiva. A sociedade civil tem de intervir. O que é que faz o desporto existir? São os fãs, a sociedade. E o desporto é o reflexo dessa sociedade. Os fãs têm de estar entusiasmados com uma cultura que olhe para o desporto não como um fim, mas como um meio para traduzir uma sociedade mais inclusiva e solidária. Ora, esse corporativismo não deixa as pessoas da sociedade civil entrar e estas têm de sentir o desporto como delas porque, como disse, é um reflexo da sociedade.

A AAOP está a trazer pessoas da sociedade civil, como aconteceu no 1.º Seminário de Saúde Mental, que teve a intervenções de Maria de Belém Roseira e Ana Jorge, assim como outras referências que se juntam a nós desde as artes à televisão, casos de Fátima Lopes, Catarina Furtado... Não é por uma questão de mediatismo, mas porque essas pessoas têm impacto e algo a acrescentar neste meio.

— **Mas, hoje em dia, o Comité Olímpico já tem várias comissões e grupos de trabalho que vão desde a arte até ao setor de apoio médico e psicológico...**

— Sim, claro que sim. Mas não deixam — não quero centrar isto no Comité Olímpico. Se fosse presidente do COP, e não estou a dizer que quero ser, desejava contar com uma AAOP fortíssima ao meu lado. Só acrescentava valor e resolvia-me um problema, pois, de todos os atletas olímpicos, só cerca de 10 por cento é que estão no ciclo olímpico.

— **E acha que o COP não quer que a AAOP seja fortíssima? Ou não a quer ao seu lado?**

— Ehhh... Não sei. Não tenho uma relação institucional com o COP. A AAOP é que tem uma relação institucional com o COP. E ponto.

— **Já não está com as palavras tão soltas...**

— É uma questão factual. Não temos uma relação. Convidamo-nos mutuamente. Fizemos o Cascais Olímpico, o presidente do COP José Manuel Constantino esteve lá e agradecemos a presença, mas, de facto, a relação tem de melhorar. Não no sentido que a que existe seja má. Tem de ser é intensificada. Aproveitar esta força e de ter aparecido alguém, e uma direção com capacidade de envolver esses atletas, para criar coisas positivas para a sociedade.

— **Voltando um pouco atrás: crê que o Comité Olímpico não tem tido interesse em ter essa intensidade na relação?**

— Não quero alimentar polémicas,

já basta as que existem hoje com os atletas e no meio desportivo. Estava aqui a olhar para a Carta Olímpica e respondo-lhe dizendo: «Respeitar o princípio da solidariedade do Movimento Olímpico permite prestar assistência e apoio entre atletas e membros do Movimento Olímpico. Agir como um modelo exemplar, nomeadamente através do desporto limpo, informar-se e estar atento às suas responsabilidades como atleta», etc., etc... São tudo questões de ética e comportamento e, por isso, não desejo atçar nenhum conflito. Quero é intensificar esta relação. Mais uma vez, se estivesse no Comité Olímpico, desejava ter uma AAOP muito forte ao lado para poder tratar de 90 por cento dos atletas olímpicos e o pós-carreira é o nosso foco.

— **E como é a relação da AAOP com a Comissão dos Atletas Olímpicos?**

— Também tem de ser intensificada e melhorada. Penso que podemos complementar a nossa ação. Ainda bem que existe a CAO. Tem um trabalho meritório junto dos atletas que estão integrados no ciclo olímpico e nós recebemos de braços abertos esses atletas que depois terminam esse ciclo e têm problemas de integração no mercado de trabalho. De conciliar a perda da mediatização. São momentos de saúde mental vinculados e que podemos conciliar e complementar. Nas empresas chama-se competição. Elas competem entre si, mas percebem que também existem áreas em que podem colaborar. Mas nós [ambas as associações] nem sequer somos competidores, por isso temos de ter este espírito aberto e colaborar.

“
Se estivesse no Comité Olímpico desejava ter uma AAOP muito forte ao lado



Monteiro pensa que a AAOP devia ter lugar à mesa do Conselho Nacional do Desporto

— **E com o IPDJ, como é a relação?**

— Temos muito boa relação. O IPDJ subsidia-nos. Aqui a parte importante é que ao quisermos ter independência e sustentabilidade financeira já temos uma percentagem superior aos valores do IPDJ no nosso balanço e plano de atividades. Felizmente as empresas civis percebem que podemos acrescentar valor na sociedade. Só há independência quando existe sustentabilidade financeira. E a voz a AAOP é independente e faz-se ouvir por isso.

— **Essa voz que diz ser independente é incomodativa para muita gente?**

— Agora respondo-lhe frontalmente: acho que é! E é porque esta direção tem capacidade. Particularmente venho de um meio empresarial e estou bastante habituado a este tipo de gestão. Toda a vida habituei-me a falar com quem decide. Se tiver de falar com o Presidente da República, faço-o. Se tiver de ser com o CEO de uma empresa, igualmente. Há também esta capacidade do nosso lado de mostrar que temos uma proposta valor, bem feita e assente em três pilares: para os atletas, pelos atletas e para a sociedade, que já é uma marca registada. Existe uma perspetiva de profissionalização empresarial muito forte e daí termos esta pequena empresa que é uma autêntica marca. Isso dá algum desconforto no meio, porque somos um país pequeno, sem querer generalizar, de muitas invejas, muitos conhecimentos e quintas. E eu quero trazer uma lufada de ar fresco. Não estamos contra ninguém. A AAOP não é um sindicato naquela aceção de só estar a reivindicar. Queremos acrescentar valor e por isso achamos muito importante estar no Conselho Nacional de Desporto. Não há uma associação de atletas no CND. Lá existem atletas individuais — bato as palmas a cada um deles por lá figurarem —, e a CAO, que está dentro do COP. Mas estão-se a representar a eles próprios. Não a mim, nem aos 800 atletas olímpicos que temos. É esse valor que a AAOP também

RUI RAIMUNDO/ASF



Já viu o que é gerir uma associação de olímpicos em que, inevitavelmente, os egos são grandes?

pretende trazer e a estrutura que queremos abanar.

— **Fez referência à guerrilha que existiu no atletismo e que também está relacionada com a questão do pós-carreira. É essa a sua visão sobre a querela entre Nelson Évora e Pedro Pichardo?**

— Aí houve muitos intervenientes com responsabilidade. Começa logo pelos próprios que, independentemente das razões que lhes assistem, são atletas olímpicos e deviam ter a consciência que existem valores de respeito. São três, são ensinados e fazem parte da cultura desportiva que não existe no País: respeito, excelência e amizade. A Carta Olímpica tem deveres para os atletas mas também muitas obrigações. E nessa contenda não vi nada disso. Percebo os dois lados, mas não é assim que se dirime conflitos. Aliás, era uma caixa fechada que já devia ter sido aberta há muito tempo. Até pelos dirigentes, para anteciparem este tipo de situações que existem e estão camufladas. Esta era uma delas que se sabia poder rebentar a qualquer hora. Não é bom para os atletas, ainda por cima agora que estamos a defendê-los e a marcar posição. Este tipo de conflitos é mais uma ajuda para que surjam dirigentes a dizer: estão a ver, os atletas não se sabem comportar. Mas, neste caso, há muitas responsabilidades metidas, a jusante e a montante. E não só dos atletas. Como associação, em vez de apontar o dedo a um e outro, vamos tentar arranjar uma maneira de conciliar estes dois atletas de eleição que são duas medalhas de ouro olímpicas. Têm de estar unidos e serem fortes.

— **Mas, por vezes, e muitas pessoas não têm essa noção dos atletas, os campeões são pessoas bastante egoístas e altamente competitivas. Esta quizília também pode ser reflexo dessa maneira de estar?**

— Claro! Tocou aí num ponto importante. Já viu o que é gerir uma associação de olímpicos em que, inevitavelmente, os egos são grandes? Cada um tem uma razão para ter sido

especial. E têm! Mas gerir toda esta complexidade é um desafio enorme. Só se faz com grande paixão. Estou aqui completamente livre de ligações e compromissos a não ser o de colocar estes atletas olímpicos no palco e dar-lhes essas capacidades.

— ...

— E há uma coisa de que ainda não falei: tem de haver um alinhamento. Como é que se podem estar a fazer contratos de medalhas e só falar em resultados quando temos uma base de atividade física que é miserável? Entre 62 e 65 por cento do país não tem qualquer tipo de atividade física. Devia-se começar a pensar como se deve fazer o processo desde a escola até ao alto rendimento. E aí é que digo que a sociedade civil tem uma responsabilidade enorme. O desporto é apenas um meio para atingir um fim. Não é um fim em si mesmo e não pode, nem deve, ser *resultadista*. Senão andamos a fazer o que acontece agora: à procura de talentos. O que defendo é um plano estratégico como se faz nas empresas. Ter uma visão e uma missão. Um plano estratégico a 10, 15, 20 anos e com o alinhamento de todas as entidades. Tal obedece a escolhas e isso é que é a coisa terrível das corporações. Querem todos fazer parte do mesmo grupo, mas os recursos são limitados. Tem de se apostar naquilo em que se deve apostar. Dou um exemplo bacoco: se quiséssemos apostar no basquetebol e fôssemos um país de cidadãos de metro e meio, não faríamos essa aposta. Tem de haver escolhas baseadas em informação credível porque temos de apostar nesta modalidade. Se morfológicamente somos ideais para ter resultados. Isso obedece a escolhas e ninguém as quer ter. Preferem ter o tal financiamento medíocre. Contentar-se com coisas medíocres. Daí que o dinheiro não seja o mais importante. Ele é importantíssimo mas, não se for para colocar em cima do problema, mas sim para aparecer um plano devidamente alinhado. As pessoas que me criticam e apontam o dedo quando digo que o financiamento não é importante, leiam bem o que digo.

— **Uma última pergunta. Não quer mesmo dizer que é um possível candidato ao Comité Olímpico?**

— Não. Quero é dizer que tenho capacidade para ser presidente do Comité Olímpico e, sem ser eu, acho que qualquer atleta olímpico devia ter essa aspiração. Atleta olímpico que acha que tem capacidade para acrescentar valor e os tais valores do respeito, excelência e amizade. Nunca da minha boca ouviram dizer e afirmar que queria ser candidato. Começaram a falar, de facto. Mas isso é sinal de que talvez estejamos a fazer as coisas certas e no bom caminho.